



---

**A materialidade geográfica e Merleau-Ponty (1908-1961)**

Geographic materiality and Merleau-Ponty (1908-1961)

**Thiago Henrique Costa Simões Antunes<sup>1</sup>****Carlos Roberto Machado de Oliveira<sup>2</sup>****André Amorim de Oliveira<sup>3</sup>****RESUMO**

A materialidade geográfica e o discurso geográfico dizem respeito a dois instrumentos teóricos destinados a servirem como categorias de trabalho na ciência geográfica. Essa distinção é útil para a compreensão dos limites científicos em relação à expressão concreta da atitude relacional, que é a geografia. No entanto, a sua diferenciação não deve motivar o estudo dissociado desses dois aspectos, pois eles são constituídos de forma radicalmente una, tanto em aparecimento em ato quanto em influências interativas. Nessa hora, a fenomenologia da percepção de Merleau-Ponty tem potencial para realçar o entrelaçamento entre eles, no sentido da preocupação da nossa experiência perceptiva, ou melhor, preocupação da percepção de nossa experiência perceptiva, como uma ontogênese da percepção, mirando atingir (dentro de nossos limites ônticos) a sensibilidade da materialidade geográfica que inventa e é inventada pelas narrativas geográficas, pois perceber é se dispor à relação, e a relação é o fundamento primeiro para a geografia acontecer. Este trabalho tem por objetivo estimular e aprofundar a discussão da geografia enquanto categoria ontológica e categoria epistemológica. Para tal, traçamos um expediente de método que articula a análise de trabalhos que se guiaram pela temática em questão ao exame de textos do filósofo Maurice Merleau-Ponty (1908-1961). Evidencia-se que a busca pela reabilitação ontológica do sensível, considerando a geograficidade como o quiasma entre corpo, percepção e mundo, constitui-se como um pressuposto metodológico indispensável para o desenvolvimento do trabalho do geógrafo.

---

<sup>1</sup> Doutorando em Geografia pela Universidade de São Paulo (USP). Mestre em Geografia pela Universidade de São Paulo (USP). Licenciado em Geografia pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). E-mail: thiagosimoesantunes@usp.br

<sup>2</sup> Doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em Geografia na Universidade Federal de Uberlândia (PPGEO-UFU). Professor de Geografia pela Secretaria de Estado da Educação de Minas Gerais e pela Prefeitura Municipal de Monte Carmelo (MG). E-mail: carlosrobertogeografia@gmail.com

<sup>3</sup> Graduando em Geografia na Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ). Bolsista na Revista Eletrônica do Grupo de Pesquisa NIESBF. E-mail: andre.amoriim@gmail.com

**PALAVRAS-CHAVE:** Geografia da percepção; Dicotomias geográficas; Epistemologia em geografia; Metodologia em geografia; Fenomenologia.

#### **ABSTRACT**

Geographical materiality and geographic discourse concern two theoretical instruments destined to serve as work categories in geographic science. This distinction is useful for understanding the scientific limits in relation to the concrete expression of the relational attitude that is geography. However, their differentiation should not motivate the dissociated study of these two aspects, as they are constituted in a radically unified way, both in appearance in action and in interactive influences. At this point, Merleau-Ponty's phenomenology of perception has the potential to enhance the interweaving between them, in the sense of concern for our perceptual experience, or rather, concern for the perception of our perceptual experience, as an ontogenesis of perception, aiming to reach (within of our ontic limits) the sensitivity of the geographic materiality that invents and is invented by geographic narratives, because to perceive is to be willing to relate, and the relation is the first foundation for geography to happen. This work aims to stimulate and deepen the discussion about geography as an ontological and epistemological category. To this end, we outline a method that articulates the analysis of works that were guided by the theme in question with the examination of texts by the philosopher Maurice Merleau-Ponty (1908-1961). It is evident that the search for ontological rehabilitation of the sensitive, considering geography as the chiasm between body, perception and world, constitutes an indispensable methodological assumption for the development of our analyses.

**KEYWORDS:** Perception geography; Geographic dichotomies; Epistemology in geography; Methodology in geography; Phenomenology.

## INTRODUÇÃO

Tradicionalmente, sobretudo a partir da década de 1980, a discussão dos propósitos dominantes, dentro de um contexto histórico e social, dos conhecimentos científicos da ciência geográfica, vem sendo empreendida desconectada da reflexão da geografia como categoria da existência (MOREIRA, 2007). “Esta categoria que é constituída por espaço, tempo, relação e movimento, estabelecidos a partir da enti(dade) genérica do mundo que é a matéria, e por sua expressão subjetiva, a Idéia” (MARTINS, 2007, p. 40).

Os problemas advindos da compreensão de que o que fundamenta a disciplina é a sua própria prática, simbolizada pelo jargão irrefletido “a geografia é o que os geógrafos fazem dela”, são capazes de produzir complicações que solicitam nossa atenção. A prática pode, não raras as vezes, se distanciar do fundamento que identifica a disciplina. É a geografia, enquanto fundamento constituinte e presente na realidade circundante, assim como um princípio que estrutura o pensamento, que estabelece uma relação de estruturante e estruturado com a ciência geográfica.

Isto posto, visualizamos o discernimento acerca da distinção entre Geografia Material e o Discurso Geográfico (MORAES, 2000). A materialidade geográfica pode ser sumariamente descrita como a base factivo-material de reprodução e organização dos seres e objetos na Terra. Já o discurso geográfico seriam os simbolismos fabricados pelas sociedades em relação a essa materialidade. Nessa hora, a geografia material (que só pode também ser expressa de forma representativa) é apresentada como substância realística e objeto de análise que possibilita forjar o discurso geográfico. O discurso geográfico seria uma decorrência interpretativa do real, ou seja, contemplamos dois discursos geográficos que nos auxiliariam a perceber que existe uma diferença entre o mundo e o que se fala sobre o mundo, melhor dizendo, entre o objeto de análise e o discurso sobre o objeto.

A ciência geográfica, ao longo de sua história disciplinar, elegeu diversas designações para o fundamento geográfico: “elementos geográficos”, “fatores geográficos”, “determinações geográficas” (SILVA, 1986). Quando estamos identificando “fatores geográficos” entende-se, predominantemente, que estamos querendo nos referir “à realidade” e não à ciência. Marcelo Escolar (1996) nos lembra que os historiadores utilizam história para denominar seu objeto de análise e

historiografia para referenciar o discurso acerca desse objeto; já os geógrafos nomeiam ambos com um só nome: geografia. Ponto forte ou vulnerabilidade?

Desse modo, temos como objetivo contribuir com as investigações que apontem para o alargamento da compreensão impartível dos discursos geográficos em relação à geografia material, a partir da experiência perceptiva que o corpo experimenta em sua “vivência geográfica”, isto é, sugerir uma investigação que extrapole a dicotomia entre materialidade e simbolismo geográfico e se concentre nos contornos que conformam a percepção geográfica e os processos interpretativos, e ensejam nos discursos. Realizaremos este movimento em aproximação com sentidos e conteúdos da fenomenologia de Merleau-Ponty. A tarefa ambicionada é a de expressar que não existem “conectivos” entre os dois aspectos supracitados e sim uma radicalidade una indelgável, na qual o corpo situado no espaço representa a abertura original para o mundo perceptivo.

A metodologia empreendida para a realização da presente pesquisa constitui-se a partir da revisão bibliográfica de obras e artigos publicados em periódicos científicos relevantes e registrados. De modo inicial recorreremos a textos que possuem como escopo o debate epistemológico e ontológico em geografia, dos quais convém destacar: Silva (1985, 1986), Moraes (2000), Martins (2007, 2016). Com relação às necessidades de observar as relações entre a geografia e a fenomenologia, conferimos atenção a Dardel (2019 [1952]), Besse (2019) e Moreira (2007).

De forma articulada, nos debruçamos sobre a produção textual de Merleau-Ponty em obras mais afamadas como “Fenomenologia da percepção” (1999 [1945]) e “*Le primat de la perception et ses conséquences philosophiques*” (1989), bem como em textos menos divulgados como “*Éloge de la philosophie*” (1991). Esses esforços de pesquisa se somarão à averiguação dos escritos de alguns dos principais comentadores da obra do filósofo francês, sobretudo, aqueles que dialogam com a perspectiva geográfica, como Barbaras (1992, 1994), Bernet (1992) e Gély (2000). O cuidado ao manejar as diferenças idiomáticas mereceu nossa atenção. Consultamos textos em português e francês considerando as flexibilidades semânticas e as particularidades teóricas e metodológicas que derivam tanto do trabalho de tradução quanto em relação às especificidades dos aparatos conceituais da geografia e da filosofia.

## A materialidade situada da percepção

O filósofo francês foi um crítico acerbo do idealismo transcendental, pois ele acreditava que o principal ator da experiência perceptiva é o corpo, e não uma espécie de consciência transcendental desencarnada do aspecto corpóreo. A percepção não se restringe à capacidade intelectual, como quando ouvimos que determinado pensador tem “uma ampla percepção do quadro político atual”, ou apenas como um atributo sensível, quando um jogador de futebol “teve uma magnífica percepção da jogada que deveria ser realizada” (CAMINHA, 2019). Para Merleau-Ponty, a percepção é a ação de remeter ao mundo de forma intencional, assim sendo, o fazer científico que busca aferir à distância é colocado em xeque, pois a percepção é dependente de um corpo situado, ela se desenvolve sempre a partir de um lugar (MERLEAU-PONTY, 1989, 1999 [1945]).

Nessa toada, reportemo-nos à concepção de materialidade geográfica que se apresenta como uma categoria da existência (MARTINS, 2007), ou seja, considerando que a geografia é a consequência do processo de consciência do existir enquanto ser humano, que só acontece quando nos relacionamos com a alteridade que nos cerca. O ser se percebe no mesmo instante em que percebe a alteridade, isto é, quando se dá conta das outras coisas que não são ele. O real é processado em nexos rítmicos pela consciência, assimilando pontos de localização e contato, ou seja, só é possível me perceber “aqui” porque também consigo conceber o “aí”. A percepção do real é assimilada em ordem tópica. Ainda segundo Martins (2016, p. 5): “ninguém sabe de si ou realmente responde à pergunta ‘quem sou eu?’, se não souber ‘onde está’. Dessa forma se estabelece a relação entre “ser” e “estar”, o “porquê” dos “aondes” (Id., 2007).

Entretanto, o “aqui” do nosso corpo consciente e o “ali” da alteridade não se traduzem apenas como pontos diferentes de um mesmo espaço limitado à concretude e nem como distintas denominações espaciais socialmente estabelecidas. Ao existirem, em abertura sensível, o corpo se torna o avesso e a perfeição da alteridade, e a alteridade se torna o contrário e o direito do corpo; pois o corpo integra um conjunto de correspondências vividas e assumidas, isto é assim porque nosso campo perceptivo é um campo existencial (MERLEAU-PONTY, 1992).

O modo de ser do corpo é quem cria o espaço relacional, ele é sempre o “aqui”, no entanto, está sempre “aí” em sua integração com o mundo. Não consegue se

comparecer em todo o mundo e completar o “aqui” altero, mas faz-se como integrado ao mundo, ao “aí”, por ser sempre o centro de referência absoluto do “aqui”, que vai diferenciando sua modulação perceptiva ao modificar a sua centralidade. Não há como separar o que se percebe de sua encarnação sensível.

Para o corpo, o espaço é sempre vivido, sempre dependente de nosso poder perceptivo. Esse é o tom proposto pela fenomenologia da experiência de Merleau-Ponty, que aplaca a incorporação entre existência e essência. Tal enfoque é bem explicado por Barbaras (1994), que estabelece como a dupla dimensão indissociável do ato perceptivo: a concretude material que existe independente do meu olhar e o meu olhar sensível, que é irreduzivelmente particular. O corpo compõe a paisagem e não se desloca sobre ela, porque ele, corpo, assimila enquanto se desloca, não se observa à distância, nem a ele e nem a paisagem.

Nas coisas, bastam dois pontos para definir uma direção. Todavia, nós não estamos nas coisas [...] Não se pode considerar o mundo e o espaço orientado como dados com os conteúdos da experiência sensível ou com o corpo em si, já que a experiência mostra justamente que os mesmos conteúdos podem estar orientados alternadamente em uma direção ou na outra, e que as relações objetivas, registradas na retina pela posição da imagem física, não determinam nossa experiência do "alto" e do "baixo"; trata-se precisamente de saber como um objeto pode parecer-nos "direito" ou "invertido", e o que querem dizer estas palavras (MERLEAU-PONTY, 1999 [1945], p. 332).

A experiência perceptiva segue aderida ao campo perceptivo e este segue dinâmico à medida que o ser se relaciona, pois perceber é se colocar em relação. Todavia, é preciso diferenciar o “nível espacial” da “orientação do corpo próprio”. A percepção admite certo nível espacial que, a partir do momento da experiência, possibilita a abertura sensível para fazer o nível anterior oscilar, isto é, a transformação de um objeto oblíquo em pontos de ancoragem, suscitando a criação de direções privilegiadas (Ibid). Isto é assim porque o corpo enquanto massa de dados táteis, enquanto mosaico de sensações dadas, não possui nem mais orientação, nem mais direção em relação a outros conteúdos, porém o corpo enquanto agente do ato perceptivo representa um papel crucial na conformação de um nível:

O que importa para a orientação do espetáculo não é meu corpo tal como de fato ele é, enquanto coisa no espaço objetivo, mas meu corpo enquanto sistema de ações possíveis, um corpo virtual cujo "lugar" fenomenal é definido por sua tarefa e por sua situação. Meu corpo está ali onde ele tem algo a fazer (MERLEAU-PONTY, 1999 [1945], p. 336).

Esse campo perceptivo pode ser representado como uma espécie de base de discernimento arraigada a um corpo durante a sua trajetória no mundo, assumindo

um aspecto fundamental no que diz respeito ao percebido e seus tons e ao não percebido. Funcionando como uma espécie de conformação de suscetibilidade para perceber certos mundos. A percepção é sempre “abertura original” ao mundo que é possibilitada através do corpo, no entanto, existe um “sistema prático” (Id., 1991) que repercute na ação perceptiva e é caracterizado pela experiência situacional que determinado corpo já experimentou. Pois estar encarnados arrasta-nos da perspectiva de enxergar as alteridades de forma imaculada, elas sempre serão percebidas rigorosamente aderidas ao mundo, uma presença perceptiva sempre está acompanhada de outra.

Na concepção de Merleau-Ponty (1999 [1945], p. 328), “espaço não é o ambiente (real ou lógico) em que se dispõem as coisas, mas o meio pelo qual a posição das coisas se torna possível”. A partir desse trecho, compreendemos por que o autor argumentava que a percepção só é possibilitada quando há movimento de um corpo em direção ao seu objeto relacional. O autor compreende a categoria espacial em anexo com o que atinamos em relação à facticidade geográfica, que entende o espaço como uma dimensão da existência. Algo que precisa ser dissociado da materialidade das coisas, porque as coisas, elas sim, possuem independência objetiva ao mesmo tempo em que constituem a dimensão espacial.

É preciso refletir sobre o espaço para além de pensá-lo como uma coisa entre as demais, tomando o espaço como “ser”. Existe uma diferença entre os entes, que possuem independência objetiva, e o espaço; as coisas não são o espaço, as coisas existem no espaço, que é uma dimensão da existência do ente, o espaço assim é entendido como uma propriedade necessária de tudo que existe, como uma categoria da existência e não como uma coisa que atravessa todas as outras (INWOOD, 2004, MARTINS, 2007).

A materialidade geográfica é processada a partir da experiência perceptiva, e para aprofundar a reflexão nesses termos é necessário compreender como se processa a experiência perceptiva no corpo. Assim sendo, não há dualidade, não é o movimento seguido da percepção ou vice-versa, a percepção e o movimento do corpo integram o mesmo sistema que vai se metamorfoseando, ditado pelo sujeito que se abre para sua capacidade de poder agir no mundo de maneira intencional. Por isso existe, para o autor, um entrelaçamento entre sensibilidade e significação (entre o sensível e o inteligível), pois também não existe dicotomia entre a intenção de perceber e a

realização do ato perceptivo, num sentido de perceber percebendo: ao pensar intencionalmente na percepção, a prossecução da experiência perceptiva já foi iniciada (MERLEAU-PONTY, 1999 [1945]).

O perceber impacta diretamente no comportamento, já que toda vez que se manifesta, sacode as relações de contato do nosso corpo com o mundo e com outros percebidos que estão por vir. Para Merleau-Ponty (1991), nossa percepção mais se assemelha a um mosaico de sensações do que à sedimentação de elementos que percebemos ao longo da vida.

Armando Corrêa da Silva nos ensina que: “não existe ontologia que não se dê primeiro como epistemologia” (1986, p. 25).<sup>4</sup> O autor, num estudo dedicado a compreender as categorias como fundamentos do conhecimento geográfico (1986), admite-as em sua existência ontológica e enquanto objeto de manuseio pela epistemologia. As categorias seriam pontos de apoio da teoria e da prática, todavia, também seriam produzidas pela teoria e a prática, determinações da existência (modos do ser) e entidades lógicas produzidas pela razão (modos de ser).

O autor oferece recursos para aprofundar a discussão dos processos de dependência entre a materialidade geográfica e o discurso geográfico, assinalando atos fenomenológicos que participam da complexidade dos ritmos entre abstração e facticidade. As categorias seriam, inicialmente, universais abstratos que se transformariam em universais concretos a partir da práxis. À medida que o projeto de conceber avança, as mediações relacionadas ao concreto evoluem, assim, o pensamento pouco a pouco vai se elevando a generalizações da existência, quando os conceitos tornam-se representações concretas. Esse processo conduz à síntese fundamental do fenômeno (peça categorial), a categoria torna-se entidade concreta, que contém a objetividade da existência, torna-se universal concreto. O concreto transforma-se em representação concreta pensada, que retém singularidades e particularidades, coloca-se como ponto de partida do raciocínio que se põe como epistemologia.

Neste curso, Martins (2016) afirma que o pensamento geográfico é geografia em pensamento, ou seja, a forma é o conteúdo em pensamento. Assim sendo: “Pensar

---

<sup>4</sup> Essa frase do geógrafo brasileiro, possivelmente, guarda inspiração na noção heideggeriana de que: “A ontologia é possível apenas enquanto fenomenologia” (HEIDEGGER, 1989, p. 63).

geografia é ter para si a existência e a importância do geográfico presente na realidade” (Ibid., p. 62). Daí a importância recíproca entre forma e conteúdo, quem não tem para si a forma pouco ou nada reconhece do conteúdo, rente a isso, não discrimina os elementos que constituem o conteúdo, tampouco é capaz de estabelecer a forma em pensamento. A apreensão de um determinado conteúdo é possível a partir do reconhecimento de sua existência, e é a forma que possibilita, em pensamento, capturar esta compreensão.

Por isso que para Eric Dardel (2019) [1952], a geografia seria a própria existência que, anterior a qualquer representação, se atualiza especializando-se. Esta ligação primordial é experimentada e sentida antes de poder ser expressa de modo reflexivo, antes do discurso. A estética, para ele, é antes de tudo uma sensibilidade às formas do mundo e o sentimento de interação enraizada que interliga o homem a essas formas, ou seja, o mundo das emoções, sensações, sentimentos e crenças vem à tona na vida das formas, onde todo movimento e a própria noção de movimento são animados em seu sentido. O geógrafo francês também se mostrava preocupado com a objetivação da geografia a partir do progresso técnico, no qual a “intencionalidade nativa” de habitar a Terra cede lugar ao imaginário do planeta como fonte de energia e matéria, ou seja, quando se reduz o geográfico a um conteúdo objetivo, o elemento terrestre se dissipa.

A opacidade do elemento terrestre implica a significação geral de mundo, quando a realidade só pode ser percebida e experimentada na tonalidade dos encontros. Tanto é assim que a tentativa de compreender um lugar, para Dardel, diz respeito à tentativa de traduzir, numa linguagem com poder de elucidação, uma espécie de “emoção bruta” que o encontro produz em nós, fundando uma concordância imediata do ritmo do nosso ser e a forma do mundo. A busca é por restituir a unidade, entendendo a Terra não como uma representação que se dobra à objetivação tecnocientífica, mas como lugar, base e meio de sua reprodução (BESSE, 2019).

A geograficidade seria a cumplicidade precisa entre a Terra e o homem, onde se realiza a existência humana, de modo que essa intimidade essencial, essa presença afetiva de um lugar, em que o homem busca confirmações e acolhimento, se resguardaria numa dimensão da realidade incomensurável em relação à apreensão intelectual e científica (DARDEL, 2019 [1952]). Para o geógrafo francês, a geograficidade estabelece a relação de Ser-no-mundo, por isso, a inquietude geográfica

precede e ampara a ciência objetiva. Assim, a realidade geográfica só assume forma através de uma irrealidade que a ultrapassa e a simboliza, de modo que o saber resignado ao mistério empurra o concreto para além dele mesmo.

O acordo fundamental entre existência humana e mundo implica a combinação das impressões subjetivas à nossa apreensão das configurações geográficas, destarte, a cor se torna cor do mundo. Esse transbordo das coisas para fora delas mesmas, vindo ao nosso encontro, nos outorga um papel do próprio ritmo do mundo.<sup>5</sup>

### **A geografia existe e o corpo percebe**

O ser corporal é origem de todas as experiências perceptivas para Merleau-Ponty, porque estas experiências dão-se como perceptíveis somente através do engajamento e da participação do nosso corpo nas paisagens do mundo, o corpo não apenas está posicionado no espaço, ele assume lugar na geograficidade do mundo percebido. O espaço exprime-se, para o corpo, como um espaço tributário do poder perceptivo do corpo em relação ao mundo. O corpo conforma, por meio de sua relação permanente com o mundo, um campo perceptivo, isto é, o corpo não só percebe como ato singular, mas desdobra, de antemão, um “campo” no qual uma percepção pode ser produzida (BERNET, 1992).

O conceito de “motricidade” em Merleau-Ponty corresponde à nossa maneira de exprimir-se no mundo, de ir em direção ao mundo através do corpo vivente. Isso não deve ser confundido com a noção de deslocamento, visto que não nos assistimos à distância. Não há um “corpo objeto” dotado de consciência desencarnada (BARBARAS, 1992), por isso o corpo nunca é objetivo para si, nunca impõem distância para quem habita, porque a única forma de ser no mundo é habitá-lo (CAMINHA, 2019). Antes de representar a designação de um objeto numa posição determinada em relação a outros, o corpo já está situado geograficamente, por isso o corpo é radicalmente um Ser-no-

---

<sup>5</sup> Este papel no ritmo do mundo precisa ser observado tendo em vista a noção de “vertigem geográfica” a que se refere Dardel 2019 [1952], isto é, a ideia de que o homem não encontra na Terra um sabor que remeta a um nexo fundamental. A Terra oferece um existente bruto que, de um lado faz-se como feição e acolhimento possível ao engajar de significados, mas por outro o ignora, não o rejeita, pois rejeitá-lo significaria confirmar a sua existência. Ignorá-lo abre caminho para a compreensão de si como ser supérfluo, ligado a um mundo que não foi feito para ele. A percepção nos força a sermos incessantemente atados à existência do mundo. A presença do ser no mundo sensível é irrecusável. Quando fechamos os olhos, nem o mundo nem a percepção desaparecem, e sim acontece um alteração dinâmica da nossa relação perceptiva com o mundo.

mundo, um “aqui” radical que não podemos contemplar fora de nós mesmos, um centro global de referência a si mesmo, no entanto, integrado (Ibid).

O corpo não possui uma localização típica no espaço, ao contrário, sua capacidade motriz possibilita deslocar sua centralidade e desenvolver um engajamento no mundo de modo dinâmico. A capacidade motriz se relaciona com o sentido de percepção como “abertura para”. O aqui do corpo é, a um só tempo, absoluto e contingente, pertença a si e pertença ao mundo (FLORIVAL, 1979), isso exclui qualquer possibilidade de considerar as coisas como entidades transparentes, como entidades desprendidas de toda a aderência mundana percebida pelo corpo, conformando uma relação orgânica entre sujeito que percebe e o espaço, dimensão através da qual a posição das coisas se torna possível.

Para o filósofo francês, perceber e mover-se constituem expressões do mesmo fenômeno, dado que perceber é movimentar-se em direção a alguma coisa; esta coisa não é, fundamentalmente, um símbolo claramente identificado, é algo que aparece ou se manifesta. O movimento de aparecimento do percebido não está dissociado da motricidade do sujeito que percebe que, de modo intencional, procura algo, projetando-se no mundo (CAMINHA, 2019). O corpo não é acessório à conduta, ele é parte que integra a conduta (FERRIER, 1957).

Quando faço sinal para um amigo se aproximar, minha intenção não é um pensamento que eu prepararia em mim mesmo, e não percebo o sinal em meu corpo. Faço sinal através do mundo, faço sinal ali onde se encontra meu amigo; a distância que me separa dele, seu consentimento ou sua recusa se lêem imediatamente em meu gesto, não há uma percepção seguida de um movimento, a percepção e o movimento formam um sistema que se modifica como um todo (MERLEAU-PONTY, 1999 [1945], p. 159-160).

A experiência perceptiva implica a compreensão da geografia como possibilidade de toda a vida perceptiva. A existência relacional da geograficidade comporta o campo que é, ao mesmo tempo, perceptivo e motor. O corpo é radicalmente situado no espaço, e a intencionalidade do sujeito que percebe, através de sua motricidade, é fundamentalmente um “eu posso”, e não um “eu penso”. Ou seja, a intencionalidade que se articula no ato perceptivo não se traduz por um pensamento que preparamos em nós mesmos, não há consciência que ativa a motricidade. A intenção de perceber não se distingue de sua realização (CAMINHA, 2019).

A motricidade é o movimento que anima a existência relacional, assim, compreendemos que o sujeito do movimento existe como sujeito no próprio

movimento, em sua abertura dinâmica ao mundo. O corpo percebe e realiza a experiência perceptiva considerando como sua, pois existe uma junção entre o aparecer e o movimento de se mostrar. A percepção açambarca a contradição entre imanência e transcendência.

Para Merleau-Ponty, segundo a visão empirista, o sujeito que percebe acessa o mundo através de sensações, as quais são consideradas estados mentais em terceira pessoa, comuns e possíveis a todos os corpos dotados do poder de percepção. A percepção se desenha como mais um dos atos de um mundo objetivo, inteiramente pronto. Já a visão intelectualista, para ele, constitui-se como uma espécie de ego transcendental, assim sendo, o mundo só existe para um sujeito constituinte que o funda como representação, o estado de consciência se descola da consciência desse estado. Nesta marcha, é possível conceber a figura de um intelectual de sobrevoos que guarda distância do mundo (dado como pronto) que analisa (MERLEAU-PONTY, 1999 [1945]).

Torna-se indispensável questionar o momento originário da experiência perceptiva na hora de analisar um objeto, bem como considerar a gravidade de refletir sobre uma análise entendendo que o autor de uma obra e você estão, ambos, enraizados no mundo perceptivo, ambos se provam a si mesmos, sofrem auto-afecção súbita de uma subjetividade originária (GÉLY, 2000). Há uma indivisão entre o corpo que sente e o mundo sensível, o corpo é presença a si porque ausência de si, abertura em direção ao mundo e fechamento para si. Tal estranheza decorre da condição existencial do corpo em relação ao mundo. Não existe fronteira entre o dentro e o fora, há um quiasma permanente entre corpo e mundo, de modo que um não pode ser sem o outro. A geografia não se reduz nem ao manifesto nem ao aparente, mas dota de sentido essas duas possibilidades do fenômeno.

O discurso geográfico não é suficiente para revelar a complexidade da experiência perceptiva, no entanto é imprescindível para que a expressão do percebido possa ser comunicada e compartilhada. A geografia acontece não apenas quando passamos a designar a alteridade que nos cerca, mas na própria ação criativa do corpo que tenta enquadrar em parâmetros linguísticos a sua expressividade perceptiva. O enunciado geográfico resguarda deformidades também, porque se constitui a partir do pensamento, sem a tensão da experiência momentânea, sem o corpo estar submetido às sensações do perceber da análise, mas ao perceber da escrita. Isso, segundo o

filósofo francês, não se apresenta como um manifesto contra a razão em detrimento do agora e sim uma contribuição incomensurável aos ditames racionais que possibilitariam a ampliação da acuidade da análise racional (MERLEAU-PONTY, 1989). Nesse sentido, corroboramos também com Caminha, que aduz:

O pensamento é uma elaboração fundada na fé perceptiva, que é nossa adesão ao mundo pelo corpo perceptivo [...] Assim como não há separação entre as percepções e as paisagens perceptivas do mundo, também não há cisão entre a fala e o pensamento na instauração da linguagem [...] Toda reflexão funda-se num irrefletido. Mesmo que a expressão do filosofar necessite ganhar uma forma reflexiva, por meio das elaborações do pensamento, o labor filosófico tem seus fundamentos no sensível (2019, p. 61-65).

A compreensão de como são produzidos os discursos geográficos seria captada de maneira mais poderosa se fosse tratada para além da expressão que nasceu da observação somada à cognição e à interpretação de alguém. Num sentido de investigar a origem da experiência de perceber, entendendo que somos dotados de um sistema de potências perceptivas que se constitui como algo anterior à subjetividade, num nível pré-objetivo, que se realiza pela capacidade do corpo de perceber algo e a si mesmo (MERLEAU-PONTY, 1991). Desde seu aparecimento, o corpo segue ligado ao mundo de forma permanente e experimenta um mundo percebido, de modo a nunca alcançar o mundo perceptível, que segue se formatando entre visibilidades e invisibilidades que expressam percebidos para uns e não percebidos para outros. A alteridade se apresenta como algo anterior ao ser humano, mas que nasce em percepção, ao mesmo tempo que o sujeito se dirige ao mundo, ou seja, realiza sua existência.

A linguagem assumida como gesto criativo do corpo revela o sentido da expressividade dessa relação nunca como determinado, mas sempre confirmando o inacabamento do fluxo das aparências das coisas. Assim, a linguagem entendida apenas como instrumento de nomeação das coisas cumpre a função de nos distanciar do mundo, ao invés de anunciar o seu inacabamento (FONTAINE-DE VISSCHER, 1974). A fisionomia do fenômeno entrega, sob tonalidades afetivas, um engajamento primordial, que não se reduz a um mecanismo científico. Há um choque sensível e imediato resultante da disposição relacional. As colorações afetivas tingem as palavras, por isso compreendemos, junto com Dardel (2019 [1958]), que norte não é somente uma direção.

A linguagem decorre de um modo de ser no mundo, experimentado originalmente pelo corpo, por meio de seus atos perceptivos. Não só o corpo cria força

expressiva, mas o próprio mundo. Os fenômenos perceptivos e linguísticos se mesclam em quiasma, ou seja, os sistemas sinaléticos de linguagem apontam para a fluidez dos fenômenos de linguagem produzidos pelo corpo (RICHIR, 1989). Nesta quadra da discussão, alcançamos a convicção de Dardel (2019 [1958]), que afirma que nem o humano nem o terrestre podem ser geograficamente pensados um sem o outro.

O retorno as próprias coisas significa, para Merleau-Ponty, retornar à experiência da coisa percebida, o que torna irredutível a coisa a uma realidade em si; e, ao mesmo tempo, voltar à presença do aparecer da coisa percebida, o que torna irredutível a consciência a uma realidade para si [...] O que nos faz existir, no sentido originário, não é o pensar, mas o sentir. Contrariando Descartes, poderíamos dizer: sinto, logo existo (CAMINHA, 2019, p. 101-102).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A distinção estabelecida entre a facticidade geográfica que desperta a partir do estabelecimento relacional entre ser humano, percepção e mundo e os enunciados geográficos, que são as narrativas empenhadas em expressar essa realidade inatingível pela lógica, é de grande importância no que se refere à compreensão da geograficidade em sua densa espessura, que supera aspectos objetivos das análises.

Esta meditação teórica deve ser apreendida não como uma dicotomia, inserida na coalizão da ciência com a objetividade, ensejando na cientificidade, nem enquadrada em sistematizações cindidas. A busca pela reabilitação ontológica do sensível, percebendo o enigmático da camada pré-objetiva, consciente de sua intangibilidade, porém sem negá-lo, se impõe como fundamental para o projeto de uma geografia crítica, renovada e aberta, que tem como premência a superação da clivagem entre sujeito e objeto.

Nessa acepção, a fenomenologia da percepção de Merleau-Ponty nos convida a sensificar o olhar diante de duas classes realísticas irrealizáveis de modo particular, não no sentido de instrumentalizar uma ponte que forneça elementos para que visualizemos as conexões entre os dois, mas num nexos de remeter à radicalidade do corpo no mundo, e portanto à compreensão da indissociável relação entre os diferentes atos: o da geograficidade e dos discursos geográficos que dela decorrem. Contribuindo para a persecução de um estudo ontológico da carne, que percebe se percebendo, retroalimentando suas percepções e campos perceptivos, ou seja, suas maneiras de ser e de se colocar em relação (dinâmica do ser geográfico) atada aos seus modos de

expressão dos percebidos, que por sua vez também abarcam e são abarcados pela experiência perceptiva.

## REFERÊNCIAS

BARBARAS, R. **La perception: essai sur le sensible**. Paris: Hatier, 1994.

BARBARAS, R. Motricité et phénoménalité chez le dernier Merleau-Ponty. In: RICHIR, M; TASSIN, É. **Merleau-Ponty, phénoménologie et expérience**. Grenoble: Jérôme Millon, 1992.

BERNET, R. Le sujet dans la nature: Réflexion sur la phénoménologie chez Merleau-Ponty. In: RICHIR, M; TASSIN, É. **Merleau-Ponty, phénoménologie et expérience**. Grenoble: Jérôme Millon, 1992.

BESSE, M. A Geografia Fenomenológica de Eric Dardel. In: DARDEL, E. **O Homem e a Terra: natureza da realidade geográfica**. São Paulo: Perspectiva, 2019.

CAMINHA, I. **10 Lições sobre Merleau-Ponty**. Petrópolis: Vozes, 2019.

DARDEL, E. **O Homem e a Terra: natureza da realidade geográfica**. Tradução: Werther Holzer. São Paulo: Perspectiva, 2019 [1952].

ESCOLAR, M. **A Crítica do Discurso Geográfico**. São Paulo: Hucitec, 1996.

FERRIER, J. **L'homme dans le monde**. Neuchâtel: La Baconnière, 1957.

FLORIVAL, G. Structure, origine et affectivité. **Revue Philosophique de Louvain**, 1979.

FONTAINE-DE VISSCHER, L. **Phénomène ou structure? – Essai sur le langage chez Merleau-Ponty**. Bruxelas: Facultés Universitaires Saint Louis, 1974.

GÉLY, R. **La genèse du sentir: essai sur Merleau-Ponty**. Bruxelas: Ousia, 2000.

HEIDEGGER, M. **Ser e tempo**. Petrópolis: Vozes, 1989.

INWOOD, M. **Heidegger**. Tradução: Adail U. Sobral. São Paulo: Loyola, 2004.

MARTINS, E. Geografia e Ontologia: O Fundamento Geográfico do Ser. **GEOUSP - Espaço e Tempo**, v. 11, n<sup>o</sup> 01, p. 1-20, ago, 2007.

MARTINS, E. O Pensamento Geográfico é Geografia em Pensamento? **Revista do Programa de Pós-Graduação em Geografia (UFF)**, v. 18, n<sup>o</sup> 31, p. 1-19, set, 2016.

MERLEAU-PONTY, M. **Éloge de la philosophie**. Paris: Gallimard, 1991.

MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da percepção**. Tradução: Carlos Alberto Ribeiro de Moura. São Paulo: Martins Fontes, 1999 [1945].

MERLEAU-PONTY, M. **Le primat de la perception et ses conséquences philosophiques**. Grenoble: Cynara, 1989.

MORAES, A. Geografia, História e História da Geografia. **Terra Brasilis nova série**, v. 2, p. 1-6, 2013, 2000.

MOREIRA, R. **Pensar e Ser em geografia**. São Paulo: Contexto, 2007.

RICHIR, M. Merleau-Ponty. Um tout nouveau rapport à la psychanalyse. **Les Cahiers de Philosophie**, n. 7, 1989.

SILVA, A. As categorias como fundamento do conhecimento geográfico. In: SANTOS, M e SOUZA, M. **O espaço interdisciplinar**. São Paulo: Nobel, 1986.

SILVA, A. **De quem é o pedaço**. São Paulo: Hucitec, 1985.